

Culturas múltiplas, conhecimentos híbridos e um viveiro pedagógico

Multiple cultures, knowledge hybrid and the plant nursery teaching

Gabriela Furlan Carcaioli

Universidade Estadual de Campinas
gabrielafulancarcaioli@gmail.com

Maria Inês Petrucci Rosa

Universidade Estadual de Campinas
inesrosa@unicamp.br

Resumo

A mobilização de conhecimentos dentro das sociedades ditas pós-modernas, assim como a legitimação de conhecimentos cotidianos, os populares, apresentam componentes de discussão e investigação para pesquisadores da área de ensino. Uma vez que as culturas deixam de ser puras para se tornarem culturas híbridas, as questões de investigação apresentam um caráter mais complexo, com a apropriação de discursos pedagógicos, antropológicos e sociais. Desta forma, buscamos observar as artes de fazer nas práticas cotidianas de moradores de um pré-assentamento rural na cidade de Limeira – SP, utilizando como metodologia a etnografia, narrativas na forma de mônadas e imagens. Apresentamos, neste trabalho, as artes de fazer pedagógicas de um morador do pré-assentamento preocupado com a transmissão e legitimação de seus conhecimentos dentro do contexto local e universal de luta cotidiana pela terra e por justiça social.

Palavras chave: legitimação de conhecimentos, hibridismo, práticas culturais

Abstract

The mobilization of knowledge within societies called post-modern as well as the legitimacy of knowledge daily, the popular, feature components of discussion and research for researchers in the area of education. Once that cultures can no longer be pure cultures to become hybrid, the research issues present a more complex character, with the ownership of pedagogical, anthropological and social discourses. Thus, we observe the arts of making in the daily practices of residents of a pre-rural settlement in the city of Limeira - SP, using the methodology of ethnography, monadas and images. We present, in this work, the art of making teaching of an inhabitant of the pre-settlement concerned with the transmission and the legitimacy of their knowledge within the local context and universal struggle daily by land and by social justice.

Key words: legitimation of knowledge, hybridity, cultural practices

Introdução: caminhos metodológicos e pesquisa de campo

Os conhecimentos científicos, historicamente legitimados, sejam por processos internos das ciências sejam pelas vinculações que estas tenham com as finalidades econômicas (Lopes, 2000), permanecem engendrados em relações de poder e sustentados pela globalização crescente voltada para o sistema capitalista de ganho assíduo de poder e lucro (Santiago, 1990). Desta forma, os conhecimentos científicos acabam por obliterar e oprimir os conhecimentos cotidianos, os populares, assim como os conhecimentos escolares, colocando-os num escopo de baixa-cultura, como explica Lopes (2000):

“Na medida em que o conhecimento científico permanece sendo compreendido como legitimado por instâncias transcendentais, mais automática se torna a tendência de buscar esse mesmo processo de legitimação para outros saberes sociais, bem como mais fácil se torna o estabelecimento de uma superioridade hierárquica do conhecimento científico em relação a esses outros saberes. Isso ocorre por que, a própria concepção do que vem a ser conhecimento fica submetida à ideia de verdade fixa e aos processos de legitimação instituídos para as ciências.” (LOPES, 2000, p.188-189)

Assim, trabalhando mais diretamente com os conhecimentos cotidianos, os populares, sem esquecer que estes também podem ser mobilizados dentro da escola como parte da discussão curricular. Neste trabalho, nossa problemática está em estudar as práticas cotidianas e culturais de moradores de um pré-assentamento¹ rural no interior do estado de São Paulo, buscando entender como os sujeitos praticantes do cotidiano desse pré-assentamento mobilizam seus conhecimentos próprios, os populares dentro do contexto peculiar de convivência e de luta política e social. Procuramos discutir de que forma a mobilização desses conhecimentos pode alcançar a legitimação das ciências na busca incessante pelo conhecimento híbrido a partir das artes de fazer cotidianas e das táticas desses sujeitos.

O pré-assentamento rural é liderado pelo Movimento de Trabalhadores Rurais Sem-Terra, o MST e está localizado nos limites urbanos e rurais da cidade de Limeira, interior do estado de São Paulo, habitado por cerca de 104 famílias oriundas de lugares diversos do país, na luta pela Reforma Agrária, em busca de um pedaço próprio de chão para plantar suas roças e garantir a renda de suas famílias.

O local foi transformado, pelos moradores dessa comunidade² em seus espaços próprios de práticas culturais e coletivas, onde seus conhecimentos são mobilizados a todo o momento para garantia da sobrevivência humana, social e política da comunidade. As terras, um dia improdutivas, são hoje grandes produtoras de toneladas de alimentos produzidos sem

¹ Gostaria de chamar a atenção para o termo *pré-assentamento* utilizado ao longo deste trabalho. Utilizarei este termo, pois o local já não se encontra mais em fase inicial de *acampamento*, ou seja, pouca produção de alimentos, sem divisão de lotes e sem reconhecimento algum de órgãos governamentais, como o INCRA. Em 2007 o INCRA dividiu as terras em lotes de cerca de 1,0 hectare por família, distribuiu comprovantes de endereço para os moradores e liberou as primeiras parcelas do crédito rural. Hoje, ainda não podemos considerá-lo um *assentamento*, pois a situação da terra não está regularizada e o processo continua em andamento nas varas judiciais. Sendo assim, o termo *pré-assentamento* nos tira desse impasse político de enquadramento e termos acessíveis.

² Entendemos aqui a formação dessa comunidade no sentido antropológico, ou seja, o termo utilizado como um “conceito deslizante” pensado pela antropóloga, DURHAN, E. R., 1972.

uso de agrotóxicos – proibido nos assentamentos do MST – pela agricultura familiar e cooperativismo dos pré-assentados.

Acreditando na autonomia do pré-assentamento, na permanência dele nessa atual área e também nas práticas de educação e saúde, um morador, conhecido pelo nome fictício de Sr. Oziel, 70 anos, assumiu a responsabilidade de um viveiro pedagógico com produção de mudas de árvores frutíferas, plantas medicinais e mudas para o fornecimento de sementes crioulas.

Desta forma, mobilizadas por esse contexto peculiar e de grandes descobertas e aprendizados, esta pesquisa de mestrado, em andamento, tem como objetivo entender e refletir sobre essas questões locais, pensando também nos contextos universais de ensino e nas práticas curriculares. Como metodologia, utilizamos a pesquisa etnográfica (Geertz, 1989 e Malinowski, 1979), com registros em diários de campo, imagens e entrevistas. As entrevistas são capazes de produzir as narrativas dos sujeitos praticantes do cotidiano do pré-assentamento (Benjamin, 1975), essas narrativas são trabalhadas na forma de mônadas (Petrucci-Rosa, et. al. 2001).

As mônadas aparecem nas tensões espaço-tempo (Harvey, 1993) particular e universal (Petrucci-Rosa, et. al. 2011), como pequenos fragmentos de histórias, carregadas de significados e cheias de meandros. As mônadas são uma metodologia de trabalho, ou seja, elas apresentam uma forma bem definida, aparecem nos textos em blocos, ou seja, sempre juntas. A partir dessas pequenas "historietas" (Benjamin, 1975), as mônadas apresentam a capacidade de "falar por elas mesmas" (Petrucci-Rosa, et. al. 2011), como pretendemos demonstrar neste texto. Desta forma, tanto na forma narrativa produzida através de entrevistas com os sujeitos, como na forma de narrativas imagéticas - imagens - (Petrucci-Rosa, et. al. 2011), procuramos localizar os fatos nos espaços-tempo, contados muitas vezes, por um de seus fragmentos, como explicado por Galzerani (2002):

“No que diz respeito à produção de memórias ou produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin, passamos a mergulhar em algumas “mônadas” ou miniaturas de significados – conceito que o pensador, ora focalizado, coloca em ação no diálogo como o físico Leibniz. Tais centelhas de sentido (...) podem ter a força de um relâmpago.” (GALZERANI, 2002, p. 62, in: ROSA, et. al. 2011, p. 204)

Complementada por Benjamin (1994):

“a ideia é mônada – isto significa, em suma, que cada ideia contém a imagem do mundo. A representação da ideia compõe como tarefa, portanto, nada menos que a descrição dessa imagem abreviada do mundo.” (BENJAMIN, 1994, p.70, in: ROSA, et. al. 2011)

Assim, permeando espaços de discussões junto aos Estudos Culturais e acreditando que a legitimação de conhecimentos também representa uma condição de justiça política e social, pensamos a cultura como um espaço de contestação onde podem estar imbricadas relações de poder. Nesse sentido, as mônadas poderão nos auxiliar na compreensão dessas fusões de culturas e conhecimentos.

Imagens e Mônadas escolhidas

Como já relatado anteriormente, através da pesquisa de campo, podemos perceber que o contexto observado nos traz diversas narrativas e contestações para serem abordadas. Para os fins deste trabalho, em específico, trataremos do viveiro pedagógico – “Viveiro Chico Mendes” - de Sr. Oziel, 70 anos, morador do pré-assentamento Elizabeth Teixeira. O viveiro foi matéria do jornal “Terra, Esperança e Vida” produzido pelos educandos da EJA (Educação de Jovens e Adultos) que acontece dentro do pré-assentamento. A matéria foi redigida por Sr. Oziel e o jornal foi utilizado como material de mídia para distribuição em um ato público em defesa da Reforma Agrária, no dia 17 de abril de 2013, na praça central de Limeira.

Mônada 1: O jornal da EJA

Terra, Esperança e Vida

Abril 2013 In°1




O que é um viveiro de mudas?

A ideia do viveiro é criar um ambiente isolado menos agressivo. Assim, as sementes de mudas de frutas, hortaliças e espécies nativas podem se desenvolver e crescer de forma mais rápida do que nas condições normais de solo, tempo e umidade. Dessa forma, conseguimos mudas para a comunidade. ■

Para que serve o Viveiro Pedagógico Chico Mendes?

Os objetivos do Viveiro Chico Mendes são o resgate da agricultura e de técnicas tradicionais para ensinar as crianças. A produção de ervas medicinais e especiarias (temperos), de árvores frutíferas e o resgate de árvores nativas da Região Sudeste. Além de ensinar técnicas como a enxertia, mergulha, aporquia e estaquia. E principalmente o viveiro é um espaço de educação para crianças, agricultores e visitantes interessados. ■



Onde fica?

O Viveiro está localizado no Assentamento Elizabeth Teixeira, que fica no km 136 da Rodovia Anhanguera a 12 km da cidade de Limeira, no interior do Estado de São Paulo. ■

Atividades

As atividades pedagógicas no Viveiro Chico Mendes são mediadas pelo Sr. Oziel, morador do assentamento que participou da construção do viveiro neste e em outro assentamento ligado ao MST. ■




Foto: atividade da criança infantil com produção de mudas para o viveiro

Terra, Esperança e Vida

Abril 2013 In°1

Lista de equipamento e materiais para a produção de mudas.

- facão
- enxada
- enxada
- cavadeira
- 10 sacos de substrato
- 50m de sombrite
- Latas de sementes orgânicas de hortaliças.
- 3 regadores
- 3 bombonas de 220 L e 2 de 50 L (para mistura do biofertilizante)
- 10kg de farinha de osso
- 1 peneira grande (para seleção de sementes)
- carrinhos
- 25 sementeliras
- 2 rolos de nylon grosso
- pazinhas
- tesoura de poda



Passo-a-passo da construção do Viveiro.

- Escolha o local: em declive para não empregar água e perto da fonte de água;
- Limpeza do terreno: descompactar, não deixar raiz e nivelar;
- Marcar o Viveiro: tirar o esquadro do Viveiro e alinhar as paredes com linha e trena;
- Abrir os buracos dos pés direitos;
- Nivelar os pés direitos, marcando 1 metro no pé direito de baixo para cima e dois metros de cima para baixo e enterrar o pé direito;
- Barrotear: barroteamento é a sustentação das lonas do teto. Colocar as madeiras que vão sustentar o teto de 50 em 50 centímetros;
- Impermeabilizar os pés direitos com metrol ou pive;
- Colocar as lonas plásticas: esticar bem a lona com um sarrafo, pedaço comprido de madeira com 5 cms de largura por 2,5 cm de espessura;
- Marcar os estaleiros das bandejas, colocar os portaleiros impermeabilizados com 80 cms de altura acima da terra e 60cm para baixo da terra;

Figura1: Jornal Terra, Esperança e Vida – produzido pelos educandos da EJA do pré-assentamento Elizabeth Teixeira.

Mônada 2: Um lugar especial para o aprendizado

O viveiro é um espaço de convívio social e resgate das culturas e técnicas tradicionais, por isso eu dei ao viveiro o nome de viveiro pedagógico, por que é um lugar de ensinar e de aprender, por que eu acredito que os conhecimentos tradicionais da comunidade devem ser ensinados às crianças, pois é com elas que devemos trabalhar duro, com crianças e jovens, acredito que são eles que vão ver tudo isso daqui ir pra frente... eu quero ensinar tudo que eu aprendi na vida para eles. Outra coisa que eu gosto do viveiro ser aqui onde ele está, é que eu escolhi um lugar, que quem passa na Anhanguera consegue ver o viveiro Chico Mendes bem bonito aqui, com a bandeira do movimento sempre hasteada. O pessoal vê e pode já perceber que a gente trabalha, que plantamos no viveiro, não somos vagabundos

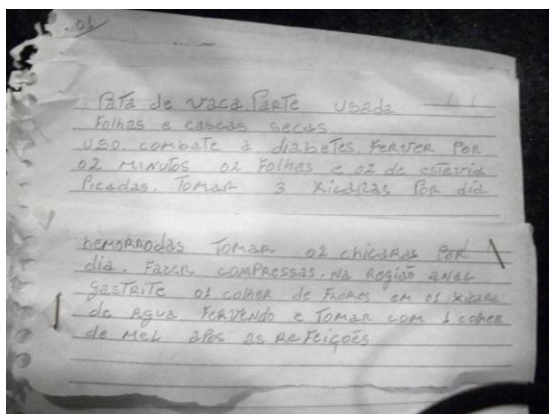


Figura 6: Página 5 – Características das Plantas Medicinais e seu preparo

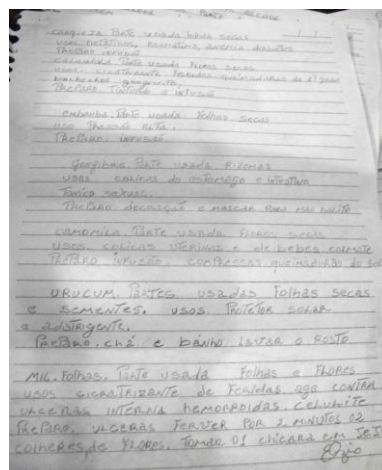


Figura 7: Página 6 – Características das Plantas Medicinais e seu preparo

Discussão e considerações Finais

Do ponto de vista metodológico, as imagens do jornal, do livro de plantas medicinais e a narrativa de Sr. Oziel são mônadas (Benjamin, 1994; Petrucci-Rosa et alli, 2011) - fragmentos de história preñes de significado. Nelas nos deparamos com as artes de fazer cotidianas (Certeau, 2012) desse sujeito que habita um contexto de luta e privações políticas e sociais, mas que não se intimida em mobilizar seus conhecimentos e procurar uma nova discussão na estrutura hierárquica dos conhecimentos, buscando a formalização de seus conhecimentos cotidianos, em busca de legitimações deles, no contexto local e universal.

O campo empírico da nossa pesquisa representado por esses registros nos remete a ideia da interpenetração de culturas e conhecimento, trazendo o conceito de hibridismo (Bhabha, 2007; Canclini, 2003; Lopes, 2005) e entendendo esses conhecimentos como conhecimentos híbridos (Lopes, 2005) vindos de relações culturais, ou seja, das culturas híbridas (Canclini, 2003).

“Os próprios conceitos de culturas nacionais homogêneas, a transmissão consensual ou contígua de tradições históricas, ou comunidades étnicas “orgânicas” – *enquanto base do comparativismo cultural* -, estão em profundo processo de redefinição. O extremismo odioso do nacionalismo sérvio prova que a própria ideia de uma identidade nacional pura, “eticamente purificada”, só pode ser atingida por meio da morte, literal e figurativa, dos complexos entrelaçamentos da história e por meio das fronteiras culturalmente contingentes da nacionalidade moderna.” (BHABHA, 2007, p. 24)

A hibridação pode mobilizar alguns sentidos e reprimir ou apagar outros, ela é a marcação de territórios de lutas e disputas de poder (Matos e Paiva, 2007), afinal nem todo texto, objeto cultural ou estrutura quer ou pode ser hibridizado (Lopes, 2005), sendo essa arte de fazer, ou seja, essa hibridação, um campo de recontextualização, ressignificação e luta.

“Para se aprender a ambivalência do hibridismo, ele deve ser distinguido de uma inversão que sugeriria que o originário é, de fato, apenas um “efeito”. O hibridismo não tem uma tal perspectiva de profundidade ou verdade para oferecer: não é terceiro termo que resolve a tensão entre duas culturas, ou as duas cenas do livro, em um jogo dialético de “reconhecimento”. O deslocamento de símbolo a signo cria uma crise para qualquer conceito de autoridade baseado em um sistema de reconhecimento: a especularidade colonial, duplamente inscrita, não produz um espelho onde o eu apreende a si próprio; ela é sempre a tela dividida do eu e de sua duplicação, o híbrido.”(BHABHA, 2007, p.165)

Assim, podemos reconhecer os esforços de Sr. Oziel em mobilizar conhecimentos dentro de sua comunidade e transbordar esses conhecimentos locais para contextos universais, como uma ferramenta de autonomia, luta política pela terra, pela bandeira do movimento que ele representa e ainda, pelo compromisso pedagógico que ele assume, uma vez que seu maior interesse está na mobilização de seus conhecimentos para a formação dos indivíduos que o permeiam. Para ele, a hierarquização de conhecimentos científicos em detrimento dos populares já está superada, tanto que ele não mede esforços e não se intimida em colocar seus conhecimentos para circular dentro do pré-assentamento e em diversos contextos, por onde circula. O posicionamento político do Sr. Oziel traz uma possibilidade discursiva potente para que o conhecimento híbrido em Ciências seja inclusive incorporado à cultura escolar, atingindo um status de legitimação que empodera a cultura local na tensão com o universal.

Agradecimentos e apoios

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pelo auxílio financeiro, que permite a realização desta pesquisa.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. "A *Obra de Arte na Época das suas Técnicas de Reprodução*". In: *Textos Escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1975. Col. Os Pensadores. Vol. XLVIII.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2007.

CANCLINI, Nestor G. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer*. 18ª. Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

DURHAM, Eunice R. *Comunidades in: A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia*, São Paulo: Cosac Naify, 2004, p.219 – 225.

GALZERANI, Maria Carolina B. *Imagens Entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin*. In: ROSA, M.I.P., et.al., *Narrativas e Mônadas: potencialidades para uma outra compreensão de currículo*. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.1, pp198-217, Jan/Jun 2011.

GEERTZ, Clifford . *A interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna – Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*, 2ª Edição, São Paulo: Edições Loyola, 1993.

LOPES, Alice C. *Conhecimento Escolar e Conhecimento Científico: Diferentes Finalidades, Diferentes Configurações*, in: Currículo e Epistemologia, Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2000.

_____. *Políticas de Currículo: Recontextualização e Hibridismo*. Currículo sem Fronteiras, v.5, n.2, p.50-64, Jul/Dez 2005.

LYOTARD, Jean F. *A condição Pós-Moderna*, 14ª Edição, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2011 (1979).

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanesia*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MATOS, Maria do Carmo; PAIVA, Edil V. *Hibridismo e Currículo: ambivalências e possibilidades*, Currículo sem Fronteiras, v.7, n.2, Jul/Dez 2007, pp. 185-201.

PETRUCCI-ROSA, Maria Inês P., et.alli., *Narrativas e Mônadas: potencialidades para uma outra compreensão de currículo*. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.1, pp198-217, Jan/Jun 2011.

SANTIAGO, Silvano. *A Explosiva Exteriorização do Saber*, Jornal do Brasil, Caderno de Ideias/Livros, 30 de junho de 1990.